



VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

EDITORIAL

A ecologia e a Mensagem de Fátima

A mensagem de Fátima não nos fala explicitamente das questões ecológicas, mas pode abrir-nos perspectivas de vivência daquela “ecologia integral” a que o Papa nos exorta.

Pe. Carlos Cabecinhas

As questões ecológicas ganharam uma importância crescente no nosso mundo e, conseqüentemente, uma atenção mediática como nunca antes tínhamos experimentado. Não se trata, porém, de uma questão de moda, mas da consciência da nossa responsabilidade na preservação da casa comum. Neste contexto, não espanta que o Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2020 refira explicitamente a paz como caminho da “conversão ecológica” a que somos chamados.

O Papa Francisco tem dado, no seu pontificado, uma especial atenção à questão da Ecologia. Em maio de 2015, publicou a Encíclica “Laudato Sí sobre o cuidado da casa comum”. Depois de evocar o “Evangelho da criação” como fundamento teológico de uma ecologia cristã, no capítulo IV, o Papa defende uma aproximação integral ao problema ecológico, que permita ao mesmo tempo combater a pobreza e cuidar da natureza. Neste contexto, a questão da paz está subjacente, mas posteriormente é explicitada: “A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e com o bem comum, porque, autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. (...) Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença «não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada»” (n. 225).

Se as preocupações ecológicas são uma marca deste pontificado, não admira que, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, o Papa volte ao tema: “a conversão ecológica, a que apelamos, leva-nos a uma nova perspectiva sobre a vida, considerando a generosidade do Criador que nos deu a Terra e nos chama à jubilosa sobriedade da partilha. Esta conversão deve ser entendida de maneira integral, como uma transformação das relações que mantemos com as nossas irmãs e irmãos, com os outros seres vivos, com a criação na sua riquíssima variedade, com o Criador que é origem de toda a vida”.

A mensagem de Fátima não nos fala explicitamente das questões ecológicas, mas pode abrir-nos interessantes perspectivas de vivência daquela “ecologia integral” a que o Papa nos exorta. Por outro lado, basta a contemplação da vida dos Pastorinhos para apreendermos o enorme respeito que tinham pela criação.

O Santuário de Fátima tem procurado estar atento a este desafio de “conversão ecológica”, com pequenos mas significativos passos. Veja-se o cuidado dos espaços verdes, nomeadamente no Monte dos Valinhos, com a preocupação de preservar as espécies autóctones. Por outro lado, temos vindo a implementar sempre mais a reciclagem de resíduos e estendemos aos parques a diferenciação dos resíduos, também para sensibilizar os peregrinos para esta questão. São apenas dois exemplos de uma preocupação que nos acompanha no dia a dia, conscientes de que a “conversão ecológica” diz respeito a cada um de nós.

Desejo um ano de 200 cheio das bênçãos de Deus a todos os leitores da Voz da Fátima e aos peregrinos, colaboradores, amigos e benfeitores do Santuário.

Caminhos de paz e três desafios da “escola de Maria” para 2020



Em 2020, o Santuário de Fátima assume como lema “Dar graças por viver em Deus”.

Na homilia da Missa de ação de graças deste final de ano, o bispo de Leiria Fátima apontou caminhos de paz, apelando conversão. No dia seguinte, o reitor do Santuário de Fátima deduziu, a partir das atitudes de Nossa Senhora, três desafios para melhor viver o novo ano.

Cátia Filipe e Diogo Carvalho Alves

Na homilia da Missa de ação de graças de 2019, o cardeal D. António Marto destacou “sinais da generosidade divina na Igreja” no ano que findou. No âmbito mundial, salientou o Sínodo dos bispos sobre a Amazônia, pela “abertura da Igreja às periferias” e, no plano nacional, sublinhou o Ano Missionário em Portugal, que “reavivou o ardor e a paixão pela missão”.

Num olhar sobre o futuro próximo, o cardeal português falou da importância de perspetivar a pastoral juvenil sob a meta da Jornada Mundial da Juventude de 2022. A propósito deste encontro mundial de jovens com o Papa, que terá lugar na capital portuguesa, o bispo de Leiria-Fátima considerou Fátima como uma “estação incontornável desta grande peregrinação”, pela “força da atração única e universal da Virgem Peregrina e sua mensagem, mas também pelo próprio tema mariano da jornada: ‘Maria levantou-se e saiu apressadamente’.

Na conclusão, D. António Marto lançou um olhar sobre a paz à luz da mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial da Paz, apontando conversão como caminho para alcançar, por meio de “uma nova

cultura do encontro”, assente no “exercício do diálogo construtivo, criador de pontes que aproximam”, na “confiança e valorização do outro”, no “reavivar a vocação à fraternidade” e numa maior consciência ecológica e sustentável dos recursos do mundo.

No dia seguinte, na Missa da solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, o reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas, deduziu, a partir das atitudes de Nossa Senhora, três desafios para este novo ano: a disponibilidade para acolher Jesus; a alegria e felicidade perante o Deus que se aproxima da Humanidade, e a disponibilidade para entender os sinais da presença de Deus.

“Maria, com a Sua disponibilidade para Deus e para a Sua vontade, mostra-nos como é possível fazer Jesus nascer no nosso mundo e na nossa vida. (...) Com Maria, somos convidados a louvar a Deus e a glorificá-Lo pelas maravilhas que Ele realiza em nosso favor. (...) Observar, conservar e meditar as palavras e os acontecimentos, como Ela o fez, significa estarmos atentos aos sinais de Deus e ter a sabedoria da fé para os ler à luz da vontade de Deus”, afirmou, exortando os fiéis a aceitarem entrar nesta “escola de

Maria”, deixando-se guiar e aprender através do exemplo de vida de Nossa Senhora.

A paz e harmonia como missão pessoal

Na semana anterior, na Missa do Natal do Senhor, o reitor do Santuário apontou a atenção, o cuidado pelos outros e a defesa da vida em todos os seus momentos e fases como a atitude ideal para acolher Jesus e pô-lo no centro da nossa vida.

Foi a partir do nascimento do Menino Jesus que, na noite anterior, o sacerdote deduziu a “imensa ternura de Deus” e a certeza de que Ele nos ama, ao identificar o Natal como a “festa da paz e da harmonia”, que devem ser missão de cada pessoa.

“De nós depende construir a paz e difundi-la à nossa volta. No Menino do Presépio, Deus identifica-Se com os pequenos, os deserdados, os pobres, os doentes ou os que estão sós. Acolher a paz como dom e assumi-la como tarefa implica uma atenção concreta aos outros, solidariedade, partilha, amor concreto, e uma ajuda desinteressada”, concluiu.

Encontros na Basílica abrem o ano com reflexão sobre a luz que Fátima aponta para a vida em Deus

A primeira conferência dos Encontros na Basílica de 2020 aconteceu ontem. A Irmã Sandra Bartolomeu, que colabora há um ano com o Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima (DPMF), falou de Fátima enquanto escola de plenitude luminosa que converte toda a vida em adoração. Ao fecho da presente edição, a Voz da Fátima esteve à conversa com esta Serva de Nossa Senhora de Fátima, que nos antecipou a apresentação que levou à Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Diogo Carvalho Alves



Ontem, a Irmã Sandra Bartolomeu, do Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima, apresentou o tema: "Fátima: Viver nessa luz que é Deus", na primeira conferência de 2020 dos Encontros na Basílica.

Fosse pelo traço de um pincel e, para a Irmã Sandra Bartolomeu, a comunicação do tema que levou ao primeiro Encontro na Basílica seria ainda mais espontânea. Não é que lhe escasseiem as palavras para falar sobre Fátima enquanto sinónimo de espiritualidade e de luz, mas, para esta pintora, licenciada em Artes-Plásticas e Ciências Religiosas, o papel, o carvão ou as aquarelas são, muitas vezes, o meio ideal para a reflexão teológica. Antecipando o encontro, pedimos-lhe um esboço do tema antes do fecho da edição.

"A expressão que dá título à conferência: 'Viver nessa luz que é Deus', atribuída a São Francisco Marto, é adaptada das Memórias da Irmã Lúcia e descreve a contemplação extasiada do Vidente da beleza espiritual da vida em Deus. Na conferência, abordarei o significado deste 'viver em Deus', que é dinâmica dialógica, dialógica e teológica, a partir do

acontecimento de Fátima. No fundo, irei falar sobre o que Fátima nos pode ensinar enquanto caminho para essa vida em Deus."

A temática do encontro parece ser feita à medida do currículo da Irmã Sandra Bartolomeu, sobretudo se considerarmos a sua experiência diária no DPMF, onde trabalha, em equipa, propostas de evangelização a partir da mensagem de Fátima.

"Olhando para os peregrinos, procuramos desenhar formas de levar o Evangelho às pessoas, a partir do Acontecimento de Fátima, procurando facilitar os caminhos que levam à vida em Deus, que possa saciar a sede com que aqui chegam", explica, ao sublinhar o "pendor espiritual" do seu trabalho diário e do tema que ontem apresentou na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

"Fátima é já considerado como um lugar espiritual. Perante uma

sociedade que nos propõe diversos âmbitos espirituais, tentarei dar a contemplar o caminho de uma espiritualidade teológica a partir daquela que foi a experiência dos Pastorinhos e da mensagem de Fátima, que sejam caminhos para Deus", antecipou.

Para além da experiência que deriva do seu trabalho diário, o dom que tem de se expressar através da pintura e a sua formação académica, onde trabalhou muito o aspeto contemplativo, com um mestrado onde aprofundou as possibilidades da arte enquanto caminho cultural e mistagógico de acesso ao religioso, são contributos à medida para abordar este tema.

"A teologia e o Mistério de Deus têm uma grande expressão na arte e creio que a arte é uma forma de dizer o mistério da vida, onde Deus se encontra... A dimensão de contemplar a beleza de Deus através da luz está muito perto dessa dimensão artística e

estética", conclui.

Para este ano pastoral, que tem como tema "Dar graças por viver em Deus", os Encontros na Basílica vão apresentar Fátima como chamamento à vida em Deus, abordando temáticas como: a vocação batismal à santidade; a conversão como recentramento da vida em Deus e as dimensões de uma espiritualidade cristã à luz da mensagem de Fátima, numa edição que, neste ano em que se assinala o centenário da morte de Santa Jacinta Marto, aprofundará o seu modelo de santidade e o do seu irmão, São Francisco Marto.

A próxima conferência, agendada para 8 de março, às 15h30, estará a cargo da Irmã Ana Luísa Castro, da Aliança de Santa Maria, que abordará o tema: "'Jacinta Marto, uma entrega até ao fim". Todas as sessões decorrem na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima e são de entrada livre.



SÍNTESE BIOGRÁFICA Irmã Sandra Bartolomeu

Sandra da Silva Bartolomeu é Serva de Nossa Senhora de Fátima desde 2013. É pintora, licenciada em Artes-Plásticas e Ciências Religiosas. Fez mestrado em ensino em ambas as áreas, na última das quais aprofundou as possibilidades da arte enquanto caminho cultural e mistagógico de acesso ao religioso. Desenvolveu diferentes trabalhos pastorais, nomeadamente no âmbito da educação, da catequese e da pastoral juvenil e vocacional, cooperando presentemente na Diocese de Leiria-Fátima. Ilustrou dois livros infantis da congregação a que pertence. Desde 2018 é colaboradora no Santuário de Fátima, no Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua Rainha Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacaosocial@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima (Morada do Santuário, com indicação "Para VF - Voz da Fátima")
Não usar para pagamento de quotas do MMF

Centenário da morte de Santa Jacinta Marto vai ser vivido de forma especial

Pastorinha foi canonizada pelo Papa Francisco a 13 de maio de 2017.

Cátia Filipe

“Tempo de Graça e Misericórdia: dar graças por viver em Deus” é o tema do novo ano pastoral no Santuário de Fátima, o último do primeiro ciclo pós-centenário das Aparições. O Santuário preparou este ano pastoral centrado nesse apelo universal à santidade que consta dos documentos do Magistério e que, na Cova da Iria, se materializa com um apelo à vida em Deus, segundo o exemplo dos videntes de Fátima, em particular dos santos Francisco e Jacinta Marto. A dinâmica pastoral deste ano tem como referência os centenários da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima e o da ordenação episcopal de D. José Alves Correia da Silva, o primeiro bispo da então recém-restaurada diocese de Leiria, bem como a efeméride do centenário da morte de Santa Jacinta.

Jacinta de Jesus Marto morreu a 20 de fevereiro de 1920, com nove anos. Filha mais nova de Manuel Pedro Marto e de sua esposa Olímpia de Jesus dos Santos, Jacinta foi batizada na Igreja Paroquial de Fátima no dia 19 de março de 1910. Foi beatificada pelo Papa João Paulo II no dia 13 de maio de 2000 e canonizada pelo Papa Francisco a 13 de maio de 2017.

Na sua curta vida, deixou-se impressionar pelo sofrimento dos pecadores. No seu quotidiano, a oração e o sacrifício pela conversão, pela paz no mundo e pelo Santo Padre eram recorrentes.

A atitude de compaixão era também marca única de Jacinta, que prestou toda a existência à missão que a Senhora do Céu lhe confiou: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que tenho cá dentro no peito a queimar-me e a fazer-me gostar tanto do Coração de Jesus e de Maria!”.

O amor a Nossa Senhora e este desejo conformador da sua existência com o Coração de Jesus levaram Jacinta a desejar segui-Lo, percorrendo o mesmo caminho que o Mestre. E nem sequer na solidão da doença, quando lhe foi negada a possibilidade da comunhão ou quando a ferida que lhe penetrava o peito a fazia sofrer, perdeu a serenidade própria de quem confia e de quem ama, ao jeito de Maria, sua mestra na Escola de Santidade, como afirmou o Papa São João Paulo II. Durante a sua estadia na prisão, em Ourém, quando Lúcia lhe pede para escolher uma intenção pela qual oferecer os sacrifícios – pelos pobres pecadores ou pelo Santo Padre ou em reparação ao Imaculado Coração de Maria – Jacinta não hesita em responder: “eu ofereço por todas, porque gosto muito de todas”.

SEPULTAMENTO

Em Vila Nova de Ourém | 24.02.1920

TRASLADAÇÃO

Cemitério de Fátima | 12.09.1935

Basilica de Nossa Senhora do Rosário | 12.09.1935

BEATIFICAÇÃO | 13 de maio de 2000

Santuário de Fátima, pelo Papa João Paulo II

CANONIZAÇÃO | 13 de maio de 2017

Santuário de Fátima, pelo Papa Francisco



NASCIMENTO | 11 de março de 1910

Aljustrel

BATISMO | 19 de março de 1910

Igreja Paroquial de Fátima

APARIÇÕES DO ANJO | 1916

Poço do Arneiro e na Loca do Cabeço

APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA | 1917

Cova da Iria e Valinhos

ADOECE COM GRIPE ESPANHOLA | 1918

É internada no Hospital de Vila Nova de Ourém (1919)

MORTE | 20 de fevereiro de 1920

No Hospital de D. Estefânia, em Lisboa

20 de fevereiro de 2020

Festa dos Santos Francisco e Jacinta Marto e Centenário da morte de Santa Jacinta Marto

SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Domingo, 16 de fevereiro

15h30 **VI Concerto Evocativo dos Três Pastorinhos de Fátima**
Basilica de Nossa Senhora do Rosário

Quarta-feira, 19 de fevereiro

21h30 **Vigília de oração, com Rosário, procissão e veneração dos túmulos**
Capelinha das Aparições e
Basilica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Quinta-feira, 20 de fevereiro

10h00 **Rosário Solene**
Capelinha das Aparições

10h45 **Procissão com os ícones dos Santos Francisco e Jacinta**

11h00 **Missa**
Basilica da Santíssima Trindade

14h às 16h **Atividade com crianças**
Basilica da Santíssima Trindade

17h30 **Vésperas Solenes**
Basilica de Nossa Senhora do Rosário

18h30 **Rosário**
Capelinha das Aparições

21h30 **Rosário**
Capelinha das Aparições

LISBOA

Quinta-feira, 20 de fevereiro

15h00 **Conferência**
Hospital D. Estefânia

16h30 **Missa presidida pelo Cardeal D. Manuel Clemente**
Hospital D. Estefânia

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

Pe. Carlos Cabecinhas

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“A santidade de Francisco e Jacinta é o maior legado da mensagem de Fátima. Quando contemplamos as vidas dos santos Francisco e Jacinta, mas também da serva de Deus, Lúcia de Jesus, percebemos que ali temos a mensagem de Fátima vivida e encarnada, também nas consequências”.

“Viver a santidade em Fátima é justamente uma oportunidade para convertermos a nossa ideia de santidade”.



“Os caminhos de santidade são as mil e uma formas de passarmos pela vida, de a vivermos, fazendo o bem.”

O reitor do Santuário de Fátima é o convidado do PODCAST #fatimanoseculoXXI de janeiro. Um ano depois desta rubrica ter sido iniciada com o bispo de Leiria-Fátima, cardeal D. António Marto, e na abertura de mais um ano pastoral, é o responsável pelo Santuário que reflete sobre os desafios que se colocam à instituição na difusão da mensagem de Fátima e do culto aos dois santos, que constituem o seu maior legado, num ano em que os peregrinos são convidados a viver a santidade no mundo atual. “Ecologia, Interioridade e Paz” são três marcas da pastoral de Fátima, afirma o reitor que anuncia, igualmente, a centralidade dos jovens nas preocupações do Santuário, nos próximos três anos.

Carmo Rodeia

Pedro, no Livro dos Atos dos Apóstolos, refere-se a Jesus como “Aquele que passou fazendo o bem”. Poderia ser o epitáfio mais desejado pelos cristãos na sua passagem por este mundo. Quem o diz é o reitor do Santuário de Fátima que no PODCAST #fatimanoseculoXXI reflete sobre o sentido do novo ano pastoral no Santuário de Fátima, que convida os peregrinos a “Dar graças por viver em Deus”, outra forma de dizer o caminho de santidade a que todos os batizados são interpelados. E para isso não há apenas um itinerário.

“Os caminhos de santidade são as mil e uma formas de passarmos pela vida, de a vivermos, fazendo o bem. Isso é que é ser santo”, afirma o padre Carlos Cabecinhas.

“Penso que a melhor forma de sermos santos é olharmos para a nossa vida e termos a percepção do que precisamos de fazer para promover o bem, nas relações uns com os outros, na relação com a natureza criada, e na nossa própria entrega a Deus. Existem mil e uma declinações sobre a forma como passamos pela vida a fazer o bem e isso é que nos torna santos. Creio que não há ninguém que não gostasse de ter, no fim da vida, como epitáfio, aquilo que Pedro disse de Jesus: ‘aqui está alguém que passou fazendo o bem’” afirma o reitor, rejeitando qualquer fórmula mágica para viver a santidade.

“O modo como cada um de nós o faz é que tem de ser descoberto por si e a mensagem de Fátima oferece-nos as ferramentas para sermos criativos, tal como o foram Francisco e Jacinta”.

“O testemunho de Francisco para nós, hoje, é como que um murro no estômago. Nós temos uma necessidade enorme de viver com algo que nos ocupe e com algum ruído que preencha os nossos dias. A dificuldade que temos em estarmos em silêncio, sozinhos, é flagrante: precisamos de ligar a televisão e o rádio para sentirmos que estamos acompanhados. O que Francisco nos mostra é que isso, sendo importante, não dis-

pensa os momentos de silêncio e de oração. E em Fátima é a busca desse silêncio que atrai tantos peregrinos”.

Por outro lado, “incorremos muitas vezes no erro de pensarmos que quando damos mais atenção a Deus deixamos de ter tempo para dar atenção aos outros. Demasiadas vezes contemplamos Francisco e Jacinta como modelos de entrega a Deus e esquecemo-nos de como essa entrega os levou aos outros: na atenção aos outros, na partilha, no sofrimento com a dor daqueles que pediam a sua ajuda, o cuidado que tinham para não entristecer os que estavam ao seu lado... tudo isso nos deve motivar”.

“Creio que a mensagem de Fátima tem, antes de mais, em relação a este caminho de santidade a que somos convidados, o grande mérito de nos ajudar a desconstruir a imagem que temos do que é ser santo. Por vezes, temos na mente determinados itinerários de santidade, quando olhamos para a figuração dos santos; mas a mensagem de Fátima, estando centrada no essencial do Evangelho, ao apontar-nos para as figuras de Francisco e Jacinta e até de Maria, remete-nos para uma santidade próxima e possível”.

O triénio 2020-2023

Passado o primeiro ciclo de três anos, no pós-centenário, Fátima centra atenções na juventude, tendo como horizonte esse grande evento que a Igreja Portuguesa está a preparar, a Jornada Mundial da Juventude (JM) de Lisboa, em 2022.

“Independentemente daquilo que possam ser as nossas expectativas, o que sabemos é que muitos dos jovens (cristãos) que virão a Portugal virão a Fátima, porque Fátima é uma referência para eles quando se fala em Portugal. Haverá certamente muitos jovens que quereirão passar por Fátima e fazer aqui a sua experiência de contacto com Maria”.

E o que é que Fátima tem para dizer aos jovens?: “A centralidade de Deus; e ninguém como os jovens consegue compreender tão bem esta centralida-

de. Eles são, por natureza, os mais descontentes, mas também aqueles que mais se entregam a opções radicais e, por isso, também serão eles aqueles que mais facilmente perceberão este oferecimento a Deus na sua forma mais radical, que nos é apresentado desde a primeira aparição pelos pastorinhos”.

Por outro lado, “a JM, sendo um evento que atrai muitos jovens, exige um envolvimento muito grande da Igreja que acolhe. Para a Igreja Portuguesa, que está envolvida na preparação desta jornada, também não será compreensível que se pense um acontecimento desta grandeza sem que Fátima tenha aí um papel relevante. Por isso, as minhas expectativas são de um profundo envolvimento na preparação e depois na concretização desse acontecimento festivo que serão as Jornadas em 2022”.

Vocação de Fátima

“Hoje vemos as ameaças que atingem a Paz. Os vários episódios de tensão que existem pelo mundo põem em causa a Paz como dom. Fátima pode ajudar-nos a sermos pacificadores. Fátima tem de ser um lugar de referência na oração pela Paz”.

Por outro lado, “Fátima continua e tem de continuar a ser um convite à interioridade. No mundo de hoje em que a dispersão é grande, é importante que Fátima permita a vivência da tal interioridade necessária, levando-nos ao fundamental da vida que é ver a nossa vida à luz de Deus”.

Depois há “a internacionalidade de Fátima: é importante que não seja só a imagem de Nossa Senhora de Fátima a ir como ícone mariano, mas também a sua mensagem”.

Finalmente, “a Mensagem tem de ser uma ajuda no respeito pela natureza. A vida dos Pastorinhos mostra-nos isso: o respeito que Francisco tinha pela natureza. Este será um dos vetores da pastoral de Fátima”.

Por isso, “Ecologia, Interioridade e Paz serão palavras-chave da pastoral de Fátima neste segundo século”.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Avelino de Almeida (1873-1932)

Avelino de Almeida foi o primeiro jornalista a escrever sobre Fátima num jornal de tiragem nacional, quando, ao serviço do jornal “O Século”, se deslocou à Cova da Iria, a 13 de outubro de 1917, para relatar os acontecimentos daquele dia num artigo, que viria a ser publicado a 15 de outubro.

Diogo Carvalho Alves | Fontes: Enciclopédia de Fátima e Documentação Crítica de Fátima - Seleção de Documentos (1917-1930)

“Aos olhos deslumbrados d’aquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, com a cabeça descoberta, encara o azul, o sol tremeu, o sol teve nunca vistos movimentos bruscos fora de todas as leis cósmicas – o sol ‘bailou’, segundo a típica expressão dos camponeses”, escreve Avelino de Almeida, no artigo titulado “Como o sol bailou ao meio-dia em Fátima”, onde descreve o “Milagre do Sol”, no dia da última Aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, na Cova da Iria.

Avelino nasceu em Sintra, a 10 de novembro de 1873. Fez os estudos preparatórios no Seminário de Santarém, mas não prosseguiu a vida eclesiástica. Um quarto de século antes das Apa-

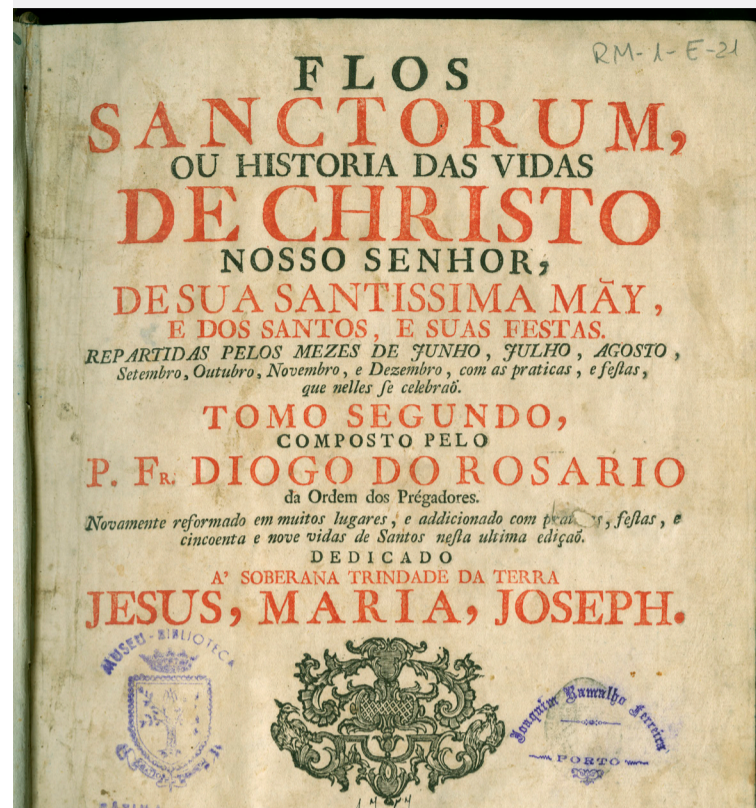
rições, inicia a sua carreira como jornalista, tendo, como repórter, editor e cronista, obtido grande reconhecimento no seu trabalho, sobretudo na cobertura de grandes acontecimentos. Em 1910, por ocasião da proclamação da república, viria a assumir a função de chefe de redação do jornal “O Século”, o maior jornal em Portugal na época, com uma tiragem média de 80 mil exemplares.

É como jornalista de “O Século” que vem à Cova da Iria a 13 de outubro de 1917, acompanhado do fotógrafo Judah Bento Ruah, para relatar o ambiente vivido naquela que viria a ser a derradeira Aparição da Virgem naquele lugar e que culminaria com o fenómeno, percecionado por milhares de pessoas ali pre-

sentes, conhecido pelo Milagre do Sol, como o próprio o denomina, a 29 de outubro, na publicação “Ilustração Portuguesa”, ainda sobre o acontecimento testemunhado.

“A chuva, à hora prenunciada, deixa de cair; a densa massa de nuvens romper-se, e o astro-rei – disco de prata fosca – em pleno zênite aparecer e começar dançando num bailado violento e convulso, que grande número de pessoas imaginava ser uma dança serpentina, tão belas e rutilantes cores revestiu sucessivamente a superfície solar... Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não cura agora sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja.”

A PEÇA DO MÊS



ROSÁRIO, Diogo do – *Flos Sanctorum ou historia das vidas de Christo Nosso Senhor, de sua Santíssima Mãe e dos Santos e suas festas [...]*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1767. 2 vol.

Flos Sanctorum

Obra herdeira da tradição da Legenda Dourada, compilada por Vourragine no século XIII, *Flos Sanctorum* – elaborada no século XVI pelo dominicano Diogo do Rosário por encomenda de Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga – utiliza o discurso hagiográfico para promover a edificação dos fiéis através de histórias exemplares. No espírito da reforma tridentina, a obra pretende rever aspetos apócrifos ou não-documentados frequentemente presentes na hagiografia medieval.

A Biblioteca do Santuário de Fátima dispõe de um exemplar de cada volume da edição de 1767, pela oficina de Miguel Rodrigues, bem como de um volume da edição impressa em 1687 na oficina de António Craesbeeck de Mello. Os volumes estão em estado de conservação regular, apresentando um a folha de rosto rasgada.

Serviço de Arquivo e Biblioteca, Núcleo Audiovisual
Departamento de Estudos



FÁTIMA AO PORMENOR

A estrela na Imagem de Nossa Senhora de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Permanecem ainda bastantes incertezas sobre o significado da estrela na veste de Nossa Senhora de Fátima. A primeira representação escultórica, do escultor de José Ferreira Thedim, continha duas estrelas, uma junto à cintura e outra no fundo da veste. Inseridos de forma consciente, porquanto não existiam na escultura de Nossa Senhora da Lapa que deu origem à figura da Senhora de Fátima, estes elementos viriam a ser alterados em 1951, sendo o da cintura removido e o da zona inferior da veste simplificado de seis para cinco pontas.

Num interrogatório, a vidente Lúcia virá a dizer que não sabe o significado que a estrela tem, mas, nas vezes em que, nos anos 40 do século XX, foi chamada a

dar informações sobre a forma de a Virgem de Fátima se apresentar diz ser necessário que a estrela conste entre os parcos elementos que refere fazerem parte da figuração. Assim, quer os autores eruditos quer os artífices que replicaram os modelos criados por José Ferreira Thedim fazem questão de inscrever a estrela na frente da veste da Senhora de Fátima, porventura ligada a esse título mariano que Manuel Nunes Formigão tanto apreciava: “*Stella Matutina*”. Por essa razão, a revista da Congregação por ele fundada se intitula “*Stella*”. Por essa razão, é legítimo conjecturar que a estrela fizesse parte das anotações que este presbítero deixara em Braga, no contexto do processo de encomenda da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima.



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Há uma alegria que é a de estar vivo como cristão. Não se trata de um contentamento sem fim ou uma bonomia persistente. Compreende a capacidade para a dor. Pode estar ausente durante algum tempo, mesmo muito tempo. É um pequeno saborear da abundância de vida em que acreditamos e que anunciamos, a alegria daqueles que começaram a partilhar a própria vida de Deus. Deveríamos ter a capacidade de nos deleitarmos porque somos filhos do Reino. Podemos ter

Uma coisa que não me deixava estar calada

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

essa capacidade de nos deleitarmos porque somos filhos do Reino. O deleite é o caráter intrínseco da vida abençoada no Espírito.

A Jacinta, a menina de Fátima que há cem atrás recebeu o abraço da eternidade, diria que esta alegria é uma coisa cá dentro que não deixa calar. Não é espetáculo de um anúncio marcado por soundbites ou pelo volume ensurdecedor. Não é gargalhada fácil, mesmo que possa tornar-se riso alegre e sentido. É, antes, um sussurro quase sem palavras. Depois da primeira visitação da Senhora do Rosário e apesar de as crianças terem combinado guardar tudo em segredo, a Jacinta disse assim a sua alegria: «Que Senhora tão bonita!». É um balbucio irremediável. É mais forte do

que ela. É uma alegria nova que toma toda a sua existência ao ponto de ela não saber, não querer, nem poder ser de outra forma.

Há qualquer coisa de contraditório entre ser cristão e viver deprimido. Não se pode viver o evangelho mergulhado na melancolia. Simplesmente, porque não faz sentido. Ou antes, porque o evangelho nos implica de tal forma numa dinâmica de boa nova que, se somos coerentes, a vida mergulha num deleite profundo. Só alguém profundamente alegre pode ser um arauto credível da boa nova. Não me refiro a uma alegria superficial – como se o cristão devesse passar o seu tempo a dar palmadinhas nas costas e a impingir sorrisos a toda a gente e a dizer-lhes o

quanto Jesus os ama (digamos que este é o tipo de coisas capaz de me deprimir profundamente). Mas há uma alegria profunda que pertence à nossa vocação de cristãos e que nos permite viver uma felicidade fundamental mesmo no meio do sofrimento mais atroz. É nosso credo que somos chamados a participar na paixão de Cristo e, portanto, a viver também as suas alegrias e dores e iras. É a alegria dos que vivem do evangelho.

Recordo que, quando um dos meus filhos nasceu, o hospital estava em obras. Nos corredores improvisados que tivemos todos de partilhar, andavam maridos preocupados e mulheres (muito) grávidas na iminência de darem à luz. O rosto preocupado dos maridos contrastava com os

gestos de cuidado e carinho das grávidas, para quem, mesmo sabendo que dentro de momentos estariam em dores de parto, mesmo sofrendo já na carne as dores da dilatação e das ânsias, nada mais parecia importar do que aquele ser que germinava dentro de cada uma. Esta imagem ficou-me: das mães a acariciar os seus bebés quase a nascer, já em sofrimento, mas com um sorriso profundo, e dos pais atrapalhados, sem saber se deviam calçar as meias de plástico nos pés ou na cabeça. É dessa alegria que nos fala a Boa Nova. Aliás, a Boa Nova é precisamente a alegria de um nascimento. Encontrar essa coisa cá dentro, que não posso calar, é encontrar a razão de ser e de me dar. É um bom propósito de novo ano.



OPINIÃO

Laurinda Alves

Sento-me de frente para a imagem de Nossa Senhora vezes sem conta. Em alturas difíceis, em fases adversas, em tempos de dúvida, mas também em momentos de alegria, gratidão e exaltação interior. Sento-me e fico em silêncio, sempre. Gosto do fio da nossa conversa, sem palavras ditas, apenas sentidas. E gosto de meditar sobre a maneira como Nossa Senhora foi mãe.

Tal como a esmagadora maioria dos crentes, também eu não tenho apenas uma forma de rezar a Maria porque tudo me serve de motivo de conversa. Posso rezar o Terço e as orações que aprendi, sejam as de entrega, as de súplica ou as de pura devoção a Nossa Senhora, mas não rezo só desta forma. Aliás gosto tanto de conversar com ela que a maior parte das vezes faço-o com palavras minhas.

“Maria guardava tudo no seu coração” e esta frase, tão breve e tão misteriosamente abrangente,

Nossa Senhora do Sim

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

te, acompanha-me ao longo da vida. Ajuda-me a calar quando é preciso calar. Ajuda-me a escutar os outros e a guardar para mim. Ajuda-me a ser menos julgadora. Ajuda-me a aceitar sem precisar de saber todas as razões. Ajuda-me a perceber o que é de Deus e o que vem dos homens. Ajuda-me a elevar-me acima das circunstâncias, sobretudo quando são adversas ou difíceis. Ajuda-me a tentar ser melhor e, sobretudo, a não desistir de tentar.

Nossa Senhora não percebia tudo, mas guardava tudo no seu coração. O seu testemunho interpela-me. Nunca estaremos à altura do seu exemplo, mas a sua maneira de agir e reagir iluminam o nosso caminho. Começa no seu Sim e continua até à cruz de Jesus. Maria era a mesma pessoa na Anunciação que foi, depois, na crucifixão? Penso que não. Também ela cresceu em sabedoria e graça, apesar de ser a Maria sem mancha, sem pecado original.

Aprendi neste Natal que passei mais algumas coisas sobre o ‘pecado original’. Fui a uma das catequeses de Advento de Vasco Pinto de Magalhães, padre jesuíta, que usou a sua forma eloquente, simultaneamente sábia e simples, para nos falar de



“Maria é a pessoa do Sim, a Senhora que nunca fala de si mesma, a menina-mulher que revelou a sua abertura à graça de Deus.”

Maria e da ausência de ‘pecado original’.

– “Nascemos carentes de amor e de graça, nascemos com necessidade de estabelecer uma relação com Deus. O pecado original não é uma mancha, não é nascer sujo, mas é esta carência de amor e da graça de Deus. Santo Agostinho introduziu a expressão do ‘pecado original’, mas na verdade ela apenas traduz a condição humana. Maria estava, desde a sua concepção, em relação com Deus. Deus deu-lhe a graça

para ela ser quem é. Porquê este privilégio? Porque era preciso que houvesse alguém na terra capaz de dar um Sim pleno a Jesus. Tudo em Maria fala de Deus e de Jesus. Toda a sua realidade é cristológica”.

Na Encarnação Deus faz-se um de nós. Não é um Deus-doutrina, não é um conjunto de leis, mas é um como nós. E era preciso que houvesse uma pessoa, uma mulher que estivesse preparada e fosse capaz de dizer um Sim pleno, total. À voz do Anjo,

Maria diz:

– “Aqui estou, faça-se em mim”.

Para dizer isto era preciso estar cheia de graça, acrescentou Vasco Pinto de Magalhães.

Maria é a pessoa do Sim, a Senhora que nunca fala de si mesma, a menina-mulher que revelou a sua abertura à graça de Deus. O pecado original é não estar aberto à graça e é fechar o coração a Deus. Mas a graça não é mágica. Exige que façamos, cada um, o nosso trabalho. A nossa parte. Nossa Senhora fez a dela e Jesus também precisou de 30 anos para aprender tudo e ser quem era.

Sobre o privilégio de Maria, também fiquei mais esclarecida neste Natal:

“Todos temos um privilégio. Não se trata de uma sorte ou de um bónus! O privilégio é a condição única de cada um, aquilo que Deus pede a cada um, a vocação de cada um”.

Tudo isto precisa de ser rezado e meditado, para poder ser aprendido e compreendido. É matéria que não se esgota numas quantas linhas escritas numa revista. E por isso volto-me para Nossa Senhora e, em silêncio, peço-lhe que me ajude a ser, também eu, uma pessoa do Sim.

Santuário promove Jornadas Internacionais “As crianças, a morte e o luto”

Iniciativa realiza-se de 7 a 10 de maio e insere-se no contexto comemorativo do centenário das mortes de São Francisco e de Santa Jacinta Marto.

Carmo Rodeia



Jornadas de maio terão sessões plenárias e paralelas com debate e testemunho de casos concretos que contam histórias de vida

O Santuário de Fátima promove, entre 7 e 10 de maio, as Jornadas Internacionais “As crianças, a morte e o luto” que reunirão em Fátima especialistas de diferentes âmbitos e áreas de reflexão da Sociedade Civil e da Igreja, desde a Educação à Pastoral sem esquecer a Saúde.

A iniciativa, que está a ser desenvolvida por um grupo de trabalho nacional composto por especialistas, respeitando as áreas de reflexão mencionadas, pretende, no contexto do centenário da morte dos santos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, propor à sociedade portuguesa um processo de reflexão sobre a morte das crianças, as crianças em luto e o luto pelas crianças.

“Num contexto histórico marcado pela negação da morte e do morrer, o Santuário quer reunir aqueles que no âmbito da Educação, da Saúde e da Pastoral se encontram com as dificuldades de acompanhar as crianças no processo de morte ou no processo de luto e os adultos em luto pelas crianças”, refere um documento produzido pelo grupo de trabalho na sequência de um seminário realizado no dia 23 de novembro sobre esta temática, que reuniu especialistas e responsáveis de cerca de 40 organismos da Sociedade Civil e da Igreja, ativos nos três âmbitos envolvidos por este processo, para conjuntamente aprofundar o diagnóstico realizado pelo grupo de trabalho e

definir linhas de rumo para a continuação do processo.

O grupo refere que o mal-estar cultural e social em torno da morte, e do seu conseqüente processo de negação, agrava-se quando se trata da morte de crianças e o Santuário, que desde a sua origem foi um lugar de convergência de sofrimentos e de refúgio de sofredores, desde logo com os protagonistas do acontecimento de Fátima, não pode deixar de se abrir a esta discussão.

As Jornadas Internacionais, que decorrerão em vários espaços físicos do Santuário, procurarão promover um olhar global sobre esta realidade multifacetada, que exige uma aproximação multidisciplinar, e envolverão momentos formativos, com conferências em sessões plenárias e mesas redondas, em sessões paralelas, bem como workshops temáticos sobre as boas práticas já existentes em Portugal e alguns momentos de caráter cultural que projetarão a temática através das diferentes expressões artísticas, incluindo as artes performativas.

Temas como o estatuto socio-cultural da morte e do morrer, a incompetência social e individual para a perda, os comportamentos de risco, o tratamento mediático da morte das crianças bem como a resposta que cada indivíduo dá a esta experiência da morte, da perda e do luto, serão temas em debate nas Jornadas Internacionais de maio.

O QUE SÃO AS JORNADAS “AS CRIANÇAS, A MORTE E O LUTO” | Entrevista

O que são as Jornadas As crianças, a morte e o luto e a quem se destinam?

As Jornadas são um processo de reflexão e intervenção em torno da problemática suscitada pela morte das crianças e o luto das e pelas crianças proposto pelo Santuário a propósito do centenário da morte de São Francisco e de Santa Jacinta Marto. Pretende-se envolver três âmbitos em que esta questão mais se faz sentir com todo o sofrimento e interrogações que suscita: a educação, concretamente as escolas; os cuidados de saúde; as comunidades cristãs e, transversal a todos estes meios, a família. As Jornadas destinam-se a todos os agentes e atores destes âmbitos da vida social e pastoral.

Como se irá desenrolar este evento?

Foi constituído um grupo de trabalho interdisciplinar já em maio com especialistas nestes três âmbitos. Estão agora constituídos grupos de trabalho para cada um dos três âmbitos, com a missão de finalizar o programa das Jornadas de maio e preparar subsídios concretos para a práxis dos diversos agentes. Depois, veremos. Tem havido uma grande vontade de compromisso por parte dos envolvidos.

Qual é o objetivo do Santuário ao fazer uma reflexão sobre a morte e o luto?

Assinalar o centenário da morte dos Pastorinhos com uma iniciativa

que constitua para a Sociedade Portuguesa e para a Igreja um desafio a pensar esta questão que é fonte de muito sofrimento e da qual geralmente não se fala, apesar de tantos intervenientes, como tem vindo a manifestar a adesão a este processo, considerarem que é necessário falar. Muitos, muitos mesmos, têm elogiado e agradecido a coragem do Santuário – é coragem que referem, o que é significativo do estado das coisas – por chamar este tema à reflexão.

Num contexto em que a morte ainda é um tabu, mesmo entre crentes, como é que o Santuário pretende colocar este debate na ordem do dia?

A experiência vem dizendo que é suficiente para a mobilização a simples decisão de tratar o assunto e a adoção de um processo de envolvimento das entidades e pessoas que o experimentam como fonte de interrogação e sofrimento.

Esta iniciativa é abrangente e envolve muita gente para além da Igreja. O que se espera das jornadas?

É de esperar o que já tem vindo a acontecer: um movimento de congregação de vontades e de disponibilidades, entre tantos agentes da vida social e eclesial que vivem as dificuldades e as incapacidades e o sofrimento causado por esta realidade, e a transformação da situação pela reflexão e pela produção de instrumentos e subsídios, para a prática dos agentes profissionais

e pastorais e, claro, das famílias e das comunidades.

Vivemos no ano do centenário da morte de Santa Jacinta. De que forma a jovem pastorinha e o seu irmão, cujo centenário da morte se assinalou em 2019, podem ser uma chave de leitura para encarar esta problemática?

As narrativas da morte da Jacinta e do Francisco contam mortes belas e santas, próprias de um tempo que já não existe. A questão para nós é: destas narrativas podem retirar-se elementos que permitam a humanização do morrer humano neste tempo que o desumanizou e por isso se desumaniza? E pode suscitar-se a reflexão necessária partindo da experiência da morte das crianças? Para além do pretexto motivador do processo que o centenário constitui, é nossa convicção que sim, que a narrativa das mortes das crianças Francisco e Jacinta de Fátima oferece uma luz que permite interpretar e desenhar caminhos de transformação humanizante – poderia dizer-se redenção – da experiência do morrer humano. E tem tudo a ver com Fátima, porque no coração da Mensagem encontra-se o diálogo entre a fragilidade humana – que expressão maior desta do que a morte de crianças? – e a misericórdia divina: a fragilidade faz-se ânsia de Céu de duas crianças que morreram crianças; a misericórdia manifesta-se em promessa de Céu a essas crianças e em pedido do seu compromisso com o Céu para todos.

Cónego Formigão, “Homem de Deus” na diocese de Bragança

Fundação Mensageiro de Bragança homenageou, em maio, o cónego Formigão, pela obra desenvolvida em Bragança.

Pe. David Neno | MMF de Bragança-Miranda

O cónego Dr. Manuel Nunes Formigão nasceu a 1 de janeiro de 1883 em Tomar, no Convento de Cristo, onde residia a família, pelo facto do seu pai ser militar. Foi seminarista e terminado o curso de Teologia foi fazer estudos superiores no Colégio Pontifício Portugêses de Roma, onde se doutorou em Direito Canónico e em Teologia. Foi ordenado sacerdote no dia 4 de abril de 1908, em Roma.

Em Roma fez grande amizade com o padre da nossa diocese Dr. Manuel António da Ressurreição Fernandes, que lhe propôs a sua vinda para Bragança, logo que terminasse os estudos e ao qual respondeu: “Sim, Senhor, mas isso não depende de mim, mas sim do Sr. Cardeal Patriarca”.

D. Abílio Augusto Vaz das Neves, bispo de Bragança-Miranda, pediu, então, ao Cardeal licença para convidar o Dr. Formigão, porque “as necessidades espirituais da diocese eram muitas”. Obtida a necessária autorização, mas só com licença de residência temporária, foi recebido em Bragança de braços abertos no dia 15 de outubro de 1934, onde permaneceu até 2 de outubro de 1943.

Passou algum tempo como secretário particular oficial da cúria, com residência no paço episcopal. Foi professor e reitor dos seminários de Bragança e de Vinhais, confessor das Irmãs da Caridade do Sagrado Coração de Jesus, ca-



pelão da Igreja da Misericórdia e muitas coisas mais.

O cónego Formigão, no dia 13 de junho de 1935, fundou em Bragança dois patronatos para jovens pobres: um para meninas com o

nome de Nossa Senhora de Fátima e outro para meninos com o nome de Santo António, o que não foi nada fácil devido à onda anticlerical que grassava em Trás-os-Montes.

Dando-se conta, na época, do isolamento em que se encontrava a diocese e na necessidade de unir e informar as gentes transmontanas, D. Abílio Augusto Vaz das Neves e o cónego Manuel Nunes Formigão resolveram fundar o jornal o Mensageiro de Bragança, que teve a sua primeira edição a 1 de janeiro de 1940 e o cónego Formigão como diretor durante seis anos. Este órgão da diocese, como dizia o seu primeiro diretor, tinha por finalidade “levar a todos os cantos do distrito a doutrina do Evangelho, os ensinamentos da Igreja e os princípios da doutrina cristã e dar conhecimento dos principais acontecimentos regionais, nacionais e estrangeiros”. Queria um jornal com alma e garra para poder praticar um jornalismo humanista e cristão, que assumisse toda a região Transmontana e Alto Duriense na defesa da sua identidade e dos seus valores.

Criando associações, interferindo na vida social e cultural da época, Manuel Nunes Formigão desenvolveu um apostolado múltiplo e heterogêneo na diocese de Bragança-Miranda.

Pedagogo com força irresistível, tornou-se ao tempo um modelo

de educação e “prestou à diocese de Bragança um valioso serviço na elevação espiritual, cultural e literária dos seminaristas, de que podem dar testemunho os padres da diocese”, como disse, um dia, D. Abílio das Neves, referindo-se ao seu trabalho como formador de seminaristas.

Relembrando as palavras de Jeremias: “Seduziste-me, Senhor; e eu deixei-me seduzir” (Jer 20, 7) e as de Mateus: “Não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20, 28), Inocêncio Pereira, jornalista e diretor do Mensageiro de Bragança noutros tempos, escreveu que “o cónego Formigão não veio certamente para Bragança à procura desenfreada de lucro, mas sim para dar testemunho da sua missão, na qualidade de sacerdote pobre, humilde, trabalhador, grande escritor e jornalista” e “partilhou sempre com o povo simples das terras de Bragança a humildade, a caridade e a solidariedade”.

Vários bispos (patriarca de Lisboa, arcebispo de Évora, bispo de Bragança e bispo de Leiria) utilizaram a expressão “Homem de Deus” para definir a figura do padre Formigão. Basta ler algumas passagens dos seus manuscritos para nos darmos conta de como ele se relacionava com Deus e de como ele concebia a santidade, como por exemplo esta: “Ser santo é subir por uma escada de cruces sem nunca parar, com o sor-

riso nos lábios e com o amor de humildade no coração. É saborear lenta e decididamente a cruz, no abandono, no desprezo e na obscuridade... Ser santo é deixar-se crucificar por Deus e pelas criaturas, doce, paciente e humildemente, em silêncio, em espírito de reconhecimento e aceitando tudo o que pode fazer sofrer sem perder nunca a paz da alma. Ser santo é viver uma vida interior escondida em Deus”.

As gentes de Bragança ficam indelevelmente ligadas à vida deste discreto e culto padre cujas virtudes giram em torno de três amores: Eucaristia, Nossa Senhora e Igreja, no dizer de monsenhor Arnaldo Pinto Cardoso, postulador na fase romana da Causa de Canonização deste Servo de Deus, e é com grande alegria e regozijo que veem o reconhecimento das suas “virtudes heróicas” pela forma exemplar como viveu e conduziu a sua vida.

A Fundação Mensageiro de Bragança dedicou todo um programa de dois dias, 26 e 27 de maio, de homenagem ao cónego Manuel Nunes Formigão, não só pelo “papel ativo” que desempenhou após as aparições de Nossa Senhora em Fátima, bem como por toda a obra desenvolvida em Bragança.

O cónego Dr. Manuel Nunes Formigão é alguém com direito de ser hoje, amanhã e sempre lembrado com gratidão pela Igreja.

O Padre Cruz, Fátima e os Pastorinhos

Pe. Dário Pedroso

Neste ano centenário da morte de santa Jacinta Marto é bom recordar a relação importante que o padre Cruz teve com os Pastorinhos e com Fátima, onde amava ir com frequência, onde rezava com fervor, onde era distribuidor da misericórdia de Deus, onde muitos o procuravam para se aconselharem ou confessarem. Já antes das aparições de 1917, o padre Cruz conheceu, pelo menos, a Irmã Lúcia, a confessou e lhe deu a primeira comunhão. É o caminho providencial de Deus para a “união de santos”.

Numa entrevista para o jornal *Novidades*, publicada a 9 de agosto de 1945, o padre Cruz afirmou o seguinte, respondendo às perguntas que lhe fizeram: — Desde que a autoridade eclesial se pronunciou, foi inteira a minha certeza e logo corri à Serra d’ Aire como peregrino e penitente. — Gosto muito de ir a

Fátima. Sabe bem rezar na Cova da Iria. Rezar, sofrer, amar... Demais, há tantas almas que vão lá carregadinhas de angústias e segredos... Lançar-lhes a mão, ampará-las no desejo de se reerguerem, enchê-las de Deus — que consolação maior pode haver para o coração de um Padre! — Lembro-me perfeitamente dos pastorinhos. Até me recordo de a Jacinta me dizer um dia: Vossemecê é velhico!”.

O padre Joaquim da Silva Mourão relata com alguns pormenores a primeira visita do padre Cruz à Cova da Iria, freguesia de Fátima, escrevendo: “Por fins de junho, ou julho de 1917, o Sr. Dr. Cruz bateu-me à porta, para o acompanhar no dia seguinte a Fátima (28 quilómetros) onde desejava confessar os meninos, que diziam ver e falar com N. Senhora. Tinha então uma muar e uma jumenta, da qual se serviu como sempre usava. Esta ju-

menta está pintada no livro do Dr. Galamba d’Oliveira, Jacinta, e a ela se referiu a Lúcia de Jesus [vidente]. E ao passarmos pelo pinhal de Boleiros, tivemos que nos apelar para ele respirar à vontade aquele ar puro. Logo adiante, dentro da Maxieira, há uma lagoa artificial, a uns 80 metros da estrada, onde algumas mulheres então lavavam roupa e como eu chamasse a atenção dele para a dita lagoa, ele torceu imediatamente o pescoço em sentido contrário, ficando com o queixo quase sobre o ombro! ‘Não basta ser casto, é preciso que ninguém possa ter dúvidas a tal respeito, e se nós olhássemos para lá podiam dizer as tais mulheres: olhem como os padres nos fitam!’ [...] Chegámos por fim à Cova da Iria, onde então não havia nada, e fomo-nos sentar numa rocha, que ficava a nascente d’uma figueira, e logo daí a pouco chegaram as 3 crianças,

que ficaram de pé junto de nós. O Pe. Cruz recebeu-as, com tanta amabilidade, que a Jacinta disse para o Pe. Cruz: ‘vossemecê é velhico’. Era absolutamente impossível admitir, nesse momento, fraude, impostura, ou ardil em tanta inocência e simplicidade. Por isso nem uma palavra sobre confissão, limitando-se a ensinar-lhes jaculatórias”.

Foi ao padre Cruz que a Irmã Lúcia fez a sua primeira confissão e recebeu a primeira comunhão no ano 1913. Diz Maria Joana Mendes Leal no seu livro sobre o padre Cruz: “E foi dos seus lábios que ela recolheu os conselhos que haviam de ser lembranças da sua Primeira Comunhão, para a vida inteira: “Que a sua alminha era o Templo do Espírito Santo... que guardasse bem pura... que pedisse à Virgem Santíssima que preparasse o seu coração para receber dignamente a Nosso Senhor Sacramentado...”. E ela lá

foi ajoelhar diante do altar de Nossa Senhora do Rosário — a Senhora que quatro anos depois desceu do céu e pousou sobre a carrasqueira, para lhe confiar os seus segredos... Mais tarde, já religiosa, Lúcia relatou por escrito os conselhos que o padre Cruz lhe deu e outros pormenores dessa primeira confissão. Recorda que tendo pedido a Nossa Senhora, conforme o padre Cruz recomendara, que guardasse o seu coração só para Deus, e repetido com insistência infantil esta súplica, lhe pareceu que a Virgem lhe sorria e lhe dizia que sim... E recorda também que, no dia seguinte, ao comungar pela primeira vez, se sentiu igualmente envolvida numa atmosfera sobrenatural e, tomada do sentimento da presença de Deus, pediu ao Senhor que “guardasse o seu coração sempre puro, que guardasse o seu coração todo para Ele”.

O Movimento da Mensagem de Fátima e a arquidiocese de Évora

A renovação do Movimento

D. Francisco Senra Coelho | Arcebispo de Évora



D. Francisco Senra Coelho com o Secretariado Diocesano da Diocese de Évora do MMF

Foi D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia, arcebispo de Évora (1981-2007) que renovou a estrutura deste Movimento, que coincidentemente havia de evoluir a nível nacional de “Cruzados de Fátima” para “Movimento da Mensagem de Fátima”. Esta transformação foi da responsabilidade do episcopado português e contou com o apoio de todos os bispos. D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia começou por sedear os Cruzados de Fátima, primeiramente, no Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, tendo sido seu primeiro Assistente Espiritual o cônego José Maria Dias, que se preocupou em criar os primeiros Secretariados Paroquiais da Mensagem de Fátima, contando já com os vogais de oração, peregrinação e doentes.

Perante as dificuldades crescentes de estruturar o Movimento a partir de Vila Viçosa, o prelado eborense decidiu deslocar a sede para a cidade arquiépiscopal de Évora, servindo-se da paróquia de Nossa Senhora de Fátima para o efeito, cujos párocos, Francisco José Senra Coelho, que redige este artigo, e Mário Tavares de Oliveira, por inerência de função, ocupavam também a função de assistentes espirituais do Movimento da Mensagem de Fátima. Foi neste período que se deu início às peregrinações a pé organizadas de Évora a Fátima, pela vogal das peregrinações Maria Inês Kinler Barahona; a valorização da vivência dos primeiros sábados, da então vogal da oração, que viria a ser posteriormente presidente do secretaria-

do diocesano, Maria Justa Rocha, de saudosa memória; a iniciação à adoração ao Santíssimo Sacramento com crianças, em trabalho organizado entre a vogal Maria Luísa Rato e o Departamento da Catequese da Infância e Adolescência, dirigido pelo diácono João Carapito. Iniciou-se também o serviço de apoio aos peregrinos a pé a Fátima, através de acordos de cooperação com o Corpo de Voluntários da Ordem de Malta, também criados nesta fase em que o Movimento estava sediado na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima e, finalmente, surgiu a criação da Assembleia Diocesana do Movimento da Mensagem de Fátima, com a divulgação dos boletins e a crescente criação de vários secretariados paroquiais, sedeados em algumas paróquias da arquidiocese. Nesta fase, foi possível promover-se anualmente um ou dois retiros para doentes, em Fátima, e alguns encontros de doentes na arquidiocese.

Só com a saída desse pároco para o ministério de bispo auxiliar de Braga, o secretariado arquidiocesano do Movimento da Mensagem de Fátima foi transferido para Azervadinha (Coruche), depois para Campo Maior, onde permaneceu durante dois anos, transferindo-se recentemente para Montargil.

A presença do Movimento da Mensagem de Fátima em Azervadinha (Coruche), depois em Campo Maior e atualmente em Montargil coincide com o ministério pastoral do padre João Luís Silva nestas paróquias. Este presbítero, para além de continuar o trabalho dos seus antecessores, tem

sabido dar um novo incremento ao Movimento nos novos contextos da cultura digital e perante os desafios de uma nova linguagem perceptível às novas gerações.

Parece-me poder descobrir páginas de esperança a serem gradualmente escritas nesta nova fase do Movimento da Mensagem de Fátima, na arquidiocese de Évora. Congratulo-me com este Movimento na nossa arquidiocese por algumas das suas iniciativas que interpreto como pioneiras, no contexto da Igreja Portuguesa: as peregrinações a pé, do Alentejo à Cova da Iria, com organização espiritual e litúrgica e acompanhamento por um sacerdote ou diácono permanente e ainda várias iniciativas no diálogo entre fé e cultura, situando a mensagem de Fátima como proposta aos novos padrões estéticos, espirituais e antropológicos do Homem hodierno. A Mensagem de Fátima com a assistência espiritual do padre João Luís expandiu-se das vigararias alentejanas da arquidiocese para as vigararias ribatejanas, num saldo francamente positivo, como aconteceu no recente Congresso da Mensagem de Fátima realizado em Campo Maior, aquilo que falta à arquidiocese de Évora, que é uma rede de implantação do Movimento da Mensagem de Fátima a nível paroquial. Tem-se tentado ultrapassar esta limitação com as novas dinâmicas de unidades pastorais e vicariais; espremos que dê frutos.

Peço e confio a Nossa Senhora de Fátima que continue aabençoar o MMF na nossa arquidiocese.

Ternura de irmãos

Manuel Arouca | Secretário para a Comunicação e Cultura do MMF



A harmonia na família para qualquer cristão, e penso que não só, é o verdadeiro centro de equilíbrio e unidade de uma sociedade. De famílias sólidas e cheias de amor, objetivamente, resulta um mundo melhor. A fratura e ódio nas famílias é um sinal de destruição. A palavra de Deus, através da Bíblia, narra-nos a expulsão do paraíso da primeira família, personalizada por Adão e Eva. Segue-se a história de Caim e Abel e por aí fora.

Es specular sobre a família, fazer da sua importância algo de teórico, dilettante, talvez ainda traga mais confusão, como nos ensina a Palavra de Deus, aquela que nos une. São os testemunhos, as histórias vividas, os exemplos que realmente contam, tocam os corações, mudam vidas e podem transformar o mundo.

Peguemos então nesse grande testemunho e exemplo que é a família dos Santos Francisco e Jacinta Marto; um testemunho no meio de uma tremenda provação. Quatro filhos morreram. Que dor! Mas uma fé inquestionável em Deus e as belas recordações dos filhos que partiram não desuniram esta família que tinha todos os motivos para a revolta. E nessas recordações, que fazem do amor algo que tudo supera, esteve sempre presente a ternura de irmãos que foram Francisco e Jacinta.

Tive o privilégio de entrevistar o tio João Marto; muitas vezes entre a emoção e as lágrimas dizia que os dois irmãos mais novos viviam como sombra um do outro, não se largavam, e com feitios tão diferentes. Eles são exemplo que o verdadeiro amor de irmãos completa, não faz das diferenças motivos de rotura e conflito. Vejamos, Lúcia diz nas suas Memórias em relação ao Francisco: “nem simpatizava muito com ele, muitas vezes irritava-me porque era um não te rales, não se importava com nada.” A Jacinta, como é sabido, mesmo que pregasse muitas partidas à Lúcia e tivesse esse lado caprichoso e mimado, tinha uma veneração pela prima. Tudo o que ela mais queria era pastorear com a Lúcia, segui-la. Pois, e quantas vezes isso acontece neste tipo de relações familiares e de amizade, ela influenciada pela Lúcia poderia também emburrar com o irmão, cansar-se com o seu feitio, mais indiferente à competição do mundo, mais introvertido e contemplativo. O grande sinal desta ternura de irmãos, unha com carne, que se amam, apesar das suas diferenças, vem de onde as dúvidas deixam de existir: O Céu, através da Sua enviada, Nossa Senhora. Se estes dois irmãos fossem como Caim e Abel, personagens bíblicas já referidas, Nossa Senhora não diria que em breve os levaria para o Céu. Um deles iria pôr em causa porque é que o outro ia. O que fez para o merecer... Não seria pacífico. Mas nas suas diferenças, que eram muitas, esse amor pelo Céu, esse destino comum, era vivido com a cumplicidade daqueles que muito se amam. Da tal ternura de irmãos.

Como o exemplo é o que perdura: na prisão em Ourém, Francisco é quem primeiro consola a Jacinta. Depois Jacinta chora porque pensava que não ia ver mais a mãe. Francisco responde “A mãe se não a tornarmos a ver paciência! Oferecemos pela conversão dos pecadores. O pior é se Nossa Senhora não volta mais!”. Jacinta não contesta. Sabe como o seu querido irmão tem as prioridades bem discernidas. Antes, quando o Anjo, na sua terceira aparição, segura o cálice com o corpo e o sangue de Cristo... passados uns dias, diz Francisco para Lúcia: “O Anjo a ti deu-te a Sagrada Comunhão, mas a mim e à Jacinta o que foi o que ele nos deu?”. “— Foi também a Sagrada Comunhão — respondeu Jacinta numa felicidade indizível — não vês que era o sangue que caía da hóstia?”. “— Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era” — concluiu o Francisco. Quando, já muito doente, nas vésperas de morrer, Francisco recebeu a primeira comunhão, disse para a irmã: “Hoje sou mais feliz que tu, porque tenho dentro do meu peito o Jesus Escondido...”. E Jacinta sorriu de felicidade.

E quando Jacinta, que reventava de alegria por ter visto Nossa Senhora, quebrou a promessa e disse aos pais que tinha visto aquela Senhora tão bonita, Francisco, de uma forma subtil, de uma grandeza de alma imensa, confirma que a irmã não está a mentir, tinha visto Nossa Senhora, “lá foste tu dizer isso” — que ternura de irmãos.

Para que todos sejam apóstolos do Imaculado Coração de Maria

A prática dos Cinco Primeiros Sábados, devoção confiada à vidente Lúcia em Espanha e aprovada pelo bispo de Leiria a 13 de setembro de 1939, em Fátima, é um ato de reparação ao Coração Imaculado de Maria, que encontra no Santuário de Fátima uma especial atenção com a preparação de um itinerário próprio em cada primeiro sábado do mês.

Carmo Rodeia | Texto foi elaborado com base nas palavras chave da mensagem de Fátima, apresentadas no site www.fatima.pt

Trata-se de uma jornada aberta à participação de todos os peregrinos com momentos de oração, uma catequese sobre a devoção ao Imaculado Coração de Maria nas aparições de Tuy e Pontevedra (Espanha), a participação numa Eucaristia, a recitação do Rosário e a adoração ao Santíssimo Sacramento. E, porque uma das condições para o cumprimento desta devoção é a prática do sacramento da Reconciliação,

os peregrinos são também convidados a confessarem-se.

Pontevedra e Tuy são de facto as visões que encerram o acontecimento de Fátima, nas quais a Senhora mais brilhante que o Sol renova o apelo à consagração, associando-lhe a comunhão reparadora dos primeiros sábados. Mas já nas aparições de 1917, nomeadamente na de junho e na de julho, a questão tinha sido colocada. Na aparição de junho,

a Senhora apresenta o seu Coração Imaculado como “refúgio e o caminho que [...] conduzirá até Deus.” De novo, em julho, depois da visão do Inferno, ela o reafirma ao propor a consagração ao seu Coração Imaculado como meio de conversão e reparação. A devoção ao Coração de Maria torna-se, nomeadamente com o pedido de consagração da Rússia e de tudo o que esta simbolizaria, expressão da presença de

Deus que acompanha o drama da história dos homens, convidando os crentes a uma visão outra da história, projetada sobre uma dimensão escatológica.

No âmago do pedido de consagração ao Coração de Maria e da comunhão reparadora nos primeiros sábados está a centralidade de Deus. Enquanto caminho que conduz a Deus, o Coração de Maria é um coração moldado segundo o Coração de Deus e consagrar-se a

ele é acolher-se na vontade de se deixar converter pela misericórdia divina. E, tal como o Coração Imaculado é ícone dos desígnios de misericórdia que Deus tem sobre o seu povo, assim também os primeiros sábados, oferecidos em reparação do Coração Imaculado de Maria, evocarão no crente a centralidade da misericórdia de Deus e recordar-lhe-ão que o coração sem mácula transparece a sua presença amorosa.

Palavras-chave



Adoração

Na vivência dos Pastorinhos encontra-se uma interpelação muito forte em relação à conversão, ao sacrifício, à oração pelos pecadores, pelos outros, e não apenas de forma interior mas também na sua forma mais visível de recolhimento e adoração reparadora. Este convite ainda é prévio às aparições de Nossa Senhora, em 1917, remontando ao ano anterior quando o Anjo lhes apareceu três vezes e lhes ensinou a oração “Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão pelos que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam”.

Este espírito de adoração na



Reparação

fé é concretizado na oração que o Anjo ensina aos Pastorinhos na sua última aparição: “Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacramentos da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Sacratíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores”.

Fátima recorda a centralidade da **ADORAÇÃO**, enquanto disposição interior que nos situa diante



Eucaristia

de Deus. E a gramática da adoração é a entrega humilde da existência nas mãos de Deus, o reconhecimento de Deus enquanto Deus e de si mesmo enquanto filho amado. Os Pastorinhos foram pródigos no espírito de adoração. Surpreende, sobretudo, o jeito contemplativo com que o Francisco procurava o recolhimento e o silêncio para “pensar em Deus” e para o consolar. Daí, a importância da **REPARAÇÃO**, pedido insistente do Anjo e depois de Nossa Senhora para que não se ofendesse mais a Deus, que estava triste com o desamor dos homens. A reparação é, por isso, um ato



Oração

de amor, de consolo, capaz de ser desenvolvido apenas por quem ama porque se sente amado.

Há, por outro lado, uma componente eucarística no coração da mensagem de Fátima. Se as primeiras palavras do Anjo aos três Pastorinhos convidam à adoração, o Anjo conduzirá as crianças à contemplação do mistério de Deus: “Santíssima Trindade, adoro-vos profundamente”, para depois as introduzir aos sabores do mistério da **EUCARISTIA**: “Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Cristo”. O tema da Eucaristia está presente, novamente, no desafio feito pela Senhora de bran-



Conversão

co: “Quereis oferecer-vos a Deus? Quereis oferecer-vos pela humanidade?”. Este convite a viver eucaristicamente é também o âmago do pedido da comunhão reparadora nos primeiros sábados.

Por outro lado, a **ORAÇÃO** (do rosário) e a **CONVERSÃO** são convites presentes na Mensagem e vividos de forma especial no itinerário dos Primeiros Cinco Sábados. E se é visível uma dimensão pessoal da conversão, esse apelo não se esgota nessa dimensão; ele é também convocação ao dom de si pela conversão dos outros e pela conversão dos dinamismos da história.



FÁTIMA e os PAPAS



Ligação dos Papas a Nossa Senhora de Fátima tem ajudado a sacralizar a escultura

A escultura de Nossa Senhora de Fátima, que se venera na Capelinha das Aparições e que este ano celebra 100 anos, é porventura o ícone português mais universal no mundo católico e tem despertado nos Papas uma relação de grande afetividade.

Carmo Rodeia | Texto elaborado a partir da Revista Fátima XXI nº4

De cada vez que há uma celebração mariana no Vaticano, e é necessário eleger um ícone transversal ao culto da Virgem Maria, é à escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que os sucessivos Papas têm recorrido, sobretudo desde São João Paulo II, embora a relação de afeto entre a escultura que se venera na Capelinha das Aparições na Cova da Iria e os sucessores de Pedro remonte ao Papa Pio XI. E esta relação, que atravessa todos os pontificados desde 1922, contribuindo para a sacralização da escultura, deve-se em boa medida ao facto de, a partir do estudo da Imagem, apreendermos muito do que é o acontecimento e a mensagem de Fátima e, sobretudo, a sua ligação com a própria vocação do sucessor de Pedro.

Em 1929 o próprio Papa Pio XI benzeu uma imagem de Nossa Senhora de Fátima no Pontifício Colégio Português, em Roma, distribuindo junto dos alunos pequenas pagelas com a imagem da Senhora do Rosário para que eles e as suas famílias rezassem pelo Papa.

Pio XII, em 1942, no 25.º aniversário das Aparições, numa radiomensagem referiu-se à apoteótica visita que a Imagem da Capelinha tinha feito a Lisboa, em abril desse ano. Quatro anos mais tarde, já no fim da II Guerra Mundial, haveria de nomear um legado pontifício, o cardeal Aloisio Massella, para, em maio de 1946, coroar a Imagem, num gesto que contribuiu decisivamente para a sacralização da escultura. A última referência conhecida de Pio XII à Imagem da Capelinha foi feita na encíclica *Ad Caeli Regnam*.

Nesta história, feita de afetos e de gestos simbólicos, como a coroação da Senhora do Rosário como Regina Pacis por Pio XII, há um natural destaque para a relação entre Paulo VI e a Imagem de Fátima pois este foi o primeiro Papa a interagir diretamente com ela, no seu Santuário, em maio de 1967, tendo depositado um terço aos seus pés.

João XXIII e João Paulo I tam-

bém estiveram em Fátima diante da Imagem, embora não fossem ainda Papas. Estiveram na Cova da Iria como patriarcas de Veneza e aí veneraram a Imagem no contexto da sua própria peregrinação.

João Paulo II foi, porventura, aquele que expressou de uma forma mais profunda a sua ligação a esta escultura. A sua devoção mariana, aliada à experiência



Papa João Paulo II onagra o mundo ao Imaculado Coração de Maria, perante a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, a 25 de março de 1984, na Praça de São Pedro, em Roma.

do Jubileu das Famílias, a Imagem se deslocou a Roma. À sua chegada, a 24 de março de 1984, o Papa esperou-a no Pátio de São Dâmaso, tocou-a e integrou o cortejo processional até à Capela Paulina, onde se ajoelhou e rezou. No dia seguinte, e depois de agradecer a presença da Mãe de Cristo, materializada na Imagem de Fátima, ofereceu ao bispo de Leiria-Fátima

do domingo que precedeu a primeira visita do Pontífice a Fátima em maio de 1982. No *Regina Coeli* do domingo anterior, João Paulo II agradeceu declarando: “desejo sobretudo responder à vontade do coração, que me compele a prostrar, no primeiro aniversário do atentado à minha pessoa, aos pés da Mãe de Deus em Fátima, para agradecer a sua intervenção para a salvação da minha vida e a recuperação da minha saúde”. À chegada à Capelinha, a 12 de maio, o Papa ajoelhou-se defronte da Imagem e fez um primeiro momento de oração e, no final, depositou um terço de ouro nas suas mãos, tendo depois recitado os mistérios gloriosos do rosário. No dia seguinte, após a Missa, ajoelhou-se diante da Imagem e consagrou o mundo ao Imaculado Coração de Maria. Antes do regresso ao Vaticano, ainda teve a oportunidade de voltar à Capelinha onde, durante 45 minutos, rezou diante da Imagem. Dois anos depois, ambos haveriam de se cruzar no Vaticano, quando por ocasião

do Jubileu das Famílias, a Imagem se deslocou a Roma. À sua chegada, a 24 de março de 1984, o Papa esperou-a no Pátio de São Dâmaso, tocou-a e integrou o cortejo processional até à Capela Paulina, onde se ajoelhou e rezou. No dia seguinte, e depois de agradecer a presença da Mãe de Cristo, materializada na Imagem de Fátima, ofereceu ao bispo de Leiria-Fátima

a bala com que tinha sido atingido no atentado e que haveria de ser encastada na Coroa de Nossa Senhora de Fátima em 1989.

As sucessivas consagrações do mundo ao Imaculado Coração de Maria, a ligação entre o sofrimento do Papa e o sofrimento do mundo “velho, injusto e opressor”, a que João Paulo II aludia frequentemente, ficavam assim materializadas naquela bala. Os gestos que se repetiram diante da Imagem nas duas vezes em que o Sumo Pontífice regressou à Cova da Iria selaram essa ligação.

Também Bento XVI revelou uma ligação à Imagem de Fátima, primeiro como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e depois como Papa, tendo oferecido a segunda Rosa de Ouro ao Santuário, que colocou diretamente aos pés da Imagem na Capelinha das Aparições.

A ligação do Papa Francisco a esta Imagem e à evocação da Senhora do Rosário de Fátima é antiga e ficou expressa desde logo na visita *Ad limina* dos bispos portugueses, quando pediu

ao Patriarca de Lisboa que consagrasse o seu pontificado a Nossa Senhora de Fátima e, no primeiro Angelus a que presidiu depois da eleição, se referiu à Virgem Peregrina de Fátima que tinha estado na Argentina. Ciente da importância desta Imagem no contexto da devoção mariana, tão querida do povo sul americano, solicitou ao Santuário a sua presença na Jornada Mariana no Vaticano em outubro de 2013. Recordam-se as palavras do Papa, no Vaticano, no dia 12 de outubro de 2013 quando ofereceu à Virgem um terço, depositando-o aos pés da Imagem: “Este encontro do Ano da Fé é dedicado a Maria, Mãe de Cristo e da Igreja, nossa Mãe. A sua Imagem vinda de Fátima ajuda-nos a sentir a sua presença no meio de nós”. No final desta celebração, já no dia 13, o Papa, diante da Imagem, procedeu a uma nova consagração, onde agradeceu à “Bem-Aventurada Virgem de Fátima” a sua “presença materna”, salientando o seu olhar “dulcíssimo” e a “carícia confortadora” do seu sorriso e pedindo-lhe que acolhesse com benevolência de Mãe o ato de entrega que naquele momento se fazia com confiança, diante da sua Imagem a todos tão querida.

Já na vigília de oração no Centenário das Aparições da Virgem de Fátima, em maio de 2017, o Papa Francisco recordou aos fiéis reunidos no Santuário que Maria é “Mestra de vida espiritual” e não uma “santinha” que outorga “favores a baixo preço, nem uma Senhora esboçada por sensibilidades subjetivas que a veem segundo o braço justiceiro de Deus pronto a castigar”. À semelhança de Bento XVI, depositou aos pés da Imagem a mais alta insígnia do Vaticano: a rosa de ouro.

O centésimo aniversário desta escultura, que há de ser tratado em lugar próprio neste jornal, é celebrado na exposição “Vestida de Branco” que se encontra aberta aos peregrinos no Convívio de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima



Pe. José Nuno Silva

A paz no mundo e a perseguição dos cristãos

Os números recentemente publicados manifestam bem a realidade presente da perseguição à Igreja, conteúdo da terceira parte do segredo de Fátima: em 2019 foram mortos 30 agentes pastorais, a maior parte dos quais em países nos quais o quotidiano dos cristãos, não apenas dos católicos, é uma experiência de discriminação, falta de liberdade e perseguição violenta. Destes 30 mártires, 22 são sacerdotes, duas são religiosas, um é diácono permanente e cinco são leigas e leigos.

Ser cristão constitui hoje, em muitas partes do mundo, um risco. Significativamente, é nessas regiões do mundo que o número de cristãos mais cresce, atualizando as palavras de Tertuliano, no séc. III, que atravessam e explicam o mistério do crescer da Igreja também nos dias de hoje: “O sangue dos mártires é a semente dos cristãos”.

O Papa Francisco disse recentemente: “A Igreja cresce também com o sangue dos mártires, homens e mulheres que dão a vida. Hoje existem muitos. Curioso: não são notícia. O mundo esconde isso. O espírito do mundo não tolera o martírio, o esconde. (...) Peçamos também ao Senhor que, olhando os mártires de ontem e de hoje, possamos aprender a viver uma vida plena, acolhendo o martírio da fidelidade diária ao Evangelho e à conformação a Cristo.”

São palavras justas para iniciarmos um novo ano, olhando a história a partir de Fátima, com olhos para ver e coração para rezar pela paz no mundo e por todos os que são perseguidos em razão da sua fé.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima e diretor do Departamento de Pastoral da Mensagem de Fátima

A Jornada Mundial da Juventude no Panamá foi há um ano

O arcebispo metropolitano do Panamá anunciou a criação de um santuário de invocação a Nossa Senhora de Fátima na Cidade do Panamá.

Cátia Filipe



O Papa Francisco rezou diante da Imagem de Nossa Senhora, na vigília da Jornada Mundial da Juventude - Panamá 2019.

A Jornada Mundial da Juventude – Panamá 2019 aconteceu há um ano, mas ficou um legado para os jovens e um exemplo para o mundo. A Imagem n.º 1 da Virgem Peregrina de Fátima participou pela primeira vez numa Jornada Mundial da Juventude. O ícone Mariano levou a paz e a esperança quer aos jovens de todo o mundo que ali peregrinaram quer aos excluídos que sofrem por doença ou por reclusão, num ambiente que excedeu todas as expectativas.

“A receção da Imagem foi extremamente calorosa; ficámos positivamente surpreendidos porque superou as expectativas mais otimistas”, afirmou o reitor do Santuário de Fátima, o Pe. Carlos Cabecinhas. O responsável recordou que a Imagem, apesar de ter estado integrada no programa oficial da JMJ 2019, o que constituiu uma absoluta novidade, cumpriu um programa complementar que a levou às periferias. A Imagem Peregrina visitou o Centro Penitenciário

Feminino da Cidade do Panamá, proporcionando às reclusas um momento espiritual de oração, e os doentes do Instituto Oncológico Nacional da capital panamiana, para além de ter estado presente em inúmeros momentos de oração que foram proporcionados a várias comunidades pobres da Cidade do Panamá.

No passado dia 13 de outubro, o arcebispo metropolitano do Panamá, D. José Domingo Ulloa Mendieta, anunciou a criação de um santuário de invocação a Nossa Senhora de Fátima na Cidade do Panamá, que terá como núcleo uma réplica da Capelinha das Aparições (imagem abaixo). A decisão da construção deste Santuário é justificada pelo arcebispo metropolitano do Panamá pelas “muitas bênçãos e grandes frutos pastorais” que resultaram das duas visitas que a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima realizou ao Panamá, em 2017, para visitar as dioceses panamianas, e no princípio deste

ano, no âmbito da Jornada Mundial da Juventude (JM), que se realizou naquele país.

A Imagem Peregrina de Fátima esteve também no Campo São João Paulo II, recinto principal da JM 2019, para a Vigília de Oração na qual o Papa Francisco desafiou os jovens a imitarem o exemplo de Maria, dando um ‘sim’ generoso e sem reservas a Deus, protagonizando a verdadeira influência no século XXI.

No final da Missa de Envio, o Santo Padre anunciou que em 2022, a Jornada Mundial da Juventude iria acontecer em Lisboa. O tema escolhido foi uma passagem do Evangelho de São Lucas “Maria levantou-se e partiu apressadamente”.

A insistência num tema mariano é para o reitor do Santuário de Fátima “uma boa notícia” e “um grande desafio” e, em consequência, o Santuário de Fátima tem em atenção a pastoral juvenil já em ordem a este horizonte temporal, consubstanciando esta importância de Maria como figura modelar para os jovens.



PEREGRINAÇÃO MENSAL DE DEZEMBRO

Reitor do Santuário de Fátima lembrou 50.º aniversário da ordenação presbiteral do Santo Padre

Pe. Carlos Cabecinhas presidiu à missa da peregrinação mensal de dezembro, na Basílica da Santíssima Trindade, na qual lembrou o aniversário de ordenação presbiteral do Papa.

Cátia Filipe

Na homilia, o Pe. Carlos Cabecinhas apresentou também uma reflexão sobre o tempo do Advento, enquanto tempo “da espera vigilante e do desejo de Deus; tempo de conversão, tempo para remover os obstáculos que nos impedem de acolher Jesus Cristo que vem”.

Nesta época particular do tempo litúrgico, Maria é apresentada como “melhor modelo de vivência deste tempo do Advento, precisamente por ter sido ela a viver de modo mais intenso o primeiro Advento, a viver como ninguém a expectativa do nascimento de Jesus”.

Em Fátima, Nossa Senhora deixou uma mensagem que apela à “atenção a Deus e à Sua vontade” e, neste sentido, o Advento “é tempo de conversão e de preparação para a vinda do Senhor, é também o confronto da nossa vida com a Palavra de Deus que nos revela o que precisa de conversão, o que, na nossa vida, precisa de ser reorientado para Deus”.

Os Pastorinhos “souberam imitar estas atitudes da Mãe do Céu na escuta da Palavra de Deus, na conversão e disponibilidade à vontade de Deus e na oração mais assídua e intensa”.

Esta foi a primeira peregrinação mensal do novo Ano Pastoral, que teve início a 1 de dezembro, e tem como tema “Tempo de Graça e Misericórdia: dar graças por viver em Deus”.

Santuário enviou saudação ao Papa Francisco

A mensagem, assinada pelo cardeal D. António Marto, bispo da diocese de Leiria-Fátima, partilhava a “alegria desta celebração, dando graças pelo dom destes 50 anos de serviço a Deus e ao seu Povo”. “Recordo, Santo Padre, que no Santuário de Fátima, em fidelidade à mensagem própria deste lugar, diariamente se reza pelo Sucessor de Pedro e pelas suas intenções”, escreveu o prelado. Na mensagem, o cardeal confiou à proteção de Nossa Senhora de Fátima a pessoa e a missão do Santo Padre, pedindo especialmente que continue a ser para o mundo de hoje expressão profética da misericórdia divina.

AGENDA

janeiro

12 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA “Fátima: viver nessa luz que é Deus” (Irmã Sandra Bartolomeu) Aeternum Vocal Ensemble (Direção Davide Barros) 15h30 Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
18 sáb	UM DIA COM O FRANCISCO E A JACINTA

fevereiro

1 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
2 dom	DIA DO CONSAGRADO
6 qui	ENCONTRO DE HOTELEIROS DE FÁTIMA
11 ter	DIA MUNDIAL DO DOENTE